

**JORNALISMO OPINATIVO E PROCESSOS MIGRATÓRIOS:  
A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE OS IMIGRANTES  
NAS COLUNAS DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO**

**OPINION JOURNALISM AND MIGRATION PROCESSES:  
THE CONSTRUCTION OF THE IMAGINARY ABOUT IMMIGRANTS  
IN THE COLUMNS OF THE FOLHA DE S. PAULO NEWSPAPER**

Eduardo Ritter<sup>5</sup>

**RESUMO**

Os artigos de opinião desempenham um papel crucial na construção do imaginário sobre diferentes assuntos. A imigração é um desses tópicos, que ganhou relevância nas narrativas midiáticas após a eleição de Donald Trump para seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos. Dessa forma, este estudo investiga os textos de opinião publicados pela *Folha de S. Paulo* nos dois meses subsequentes à sua posse. A pesquisa revelou três questões centrais tratadas nos artigos: a política de imigração do governo dos EUA, com ênfase nas deportações em massa; a promoção da imigração como motor de crescimento econômico; e a análise de manifestações culturais relacionadas ao tema. Assim, a partir da análise de conteúdo, tais temáticas são relacionadas com as abordagens sobre migração de Bauman (2017) - o medo ao imigrante - e Sayad (1998) - o imigrante como elemento econômico.

**Palavras-chave:** processos migratórios; imaginário; narrativas midiáticas; jornalismo opinativo; análise de conteúdo.

**ABSTRACT**

Opinion articles play a crucial role in shaping the imaginary about various issues. Immigration is one of these topics, which gained relevance in media narratives after Donald Trump's election for his second term as President of the United States. Therefore, this study investigates the opinion pieces published by *Folha de S. Paulo* in the two months following his inauguration. The research identified three main issues addressed in the articles: the U.S. government's immigration policy, with an emphasis on mass deportations; the promotion of immigration as an engine of economic growth; and the analysis of cultural expressions related to the theme. Thus, through content analysis, these topics are connected to the migration theories of Bauman (2017) - the fear of the immigrant - and Sayad (1998) - the immigrant as an economic unit.

**Keywords:** migratory processes; imaginary; media narratives; opinion journalism; content analysis.

---

<sup>5</sup> Professor adjunto do curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: eduardo.ritter@ufpel.edu.br Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Comunicação Social pela PUCRS (2015), com estágio doutoral pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Capes na New York University (NYU), em Nova Iorque (EUA). Mestre em Comunicação Social pela mesma instituição, com bolsa Capes (2011). Graduado em Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí, 2006). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9598143708104571>

## INTRODUÇÃO

**E**m março de 2025, o jornalista brasileiro Jamil Chade, radicado em Nova York e especializado em questões migratórias, vivenciou uma situação reveladora. No pátio da escola de seu filho de 11 anos, ele ouviu uma menina da mesma idade se virar e dizer: "tomara que você seja deportado". Esse episódio reflete um ambiente de crescente hostilidade em relação aos imigrantes, algo que se tornou central nos debates públicos após a posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos em 20 de janeiro de 2025. Esse contexto é abordado, entre outros, pelos colunistas da *Folha de S.Paulo*, cujos textos opinativos sobre imigração nos primeiros meses do ano apresentam um reflexo das políticas anti-imigração implementadas pelo governo Trump.

Este estudo, fundamentado nos conceitos de processos migratórios e imaginário, tem como objetivo analisar como a cobertura opinativa da *Folha de S.Paulo* sobre imigração, publicada entre 20 de janeiro e 20 de março de 2025, reflete o impacto das políticas anti-imigração de Trump no debate público brasileiro e na construção do imaginário social sobre os imigrantes. A questão norteadora da pesquisa é: como a cobertura opinativa da *Folha de S.Paulo* sobre imigração reflete as implicações das políticas anti-imigração do governo Trump na percepção pública dos imigrantes no Brasil?

Para responder a essa questão, o artigo está estruturado em quatro partes. A primeira seção dedica-se à reflexão sobre os processos migratórios e o imaginário social, baseando-se em teorias que abordam a imigração tanto sob a ótica econômica, como uma unidade de produção (Sayad, 1998), quanto sob a perspectiva da exclusão social, onde o migrante é visto como "estranho" (Bauman, 2017). A segunda parte enfoca as questões de identidade e imaginário, com base nas críticas de Silva (2014) sobre identidade e nas teorias de Silva (2003) e Durand (2001) sobre o imaginário social.

A terceira parte do artigo apresenta uma introdução à *Folha de S.Paulo* e aos colunistas responsáveis pelos textos analisados, além de discutir o gênero opinativo no jornalismo brasileiro. Para a análise dos textos, foi utilizada a

metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que permitiu a identificação de três temáticas centrais nos sete textos mapeados: 1) a política de imigração dos EUA, com ênfase nas deportações em massa; 2) a imigração como motor de crescimento econômico; e 3) as manifestações culturais relacionadas à imigração. Por fim, a quarta seção do artigo apresenta a análise dos textos, utilizando as categorias e os preceitos teóricos previamente discutidos.

Esta análise busca compreender como as políticas de imigração de Trump são representadas, quando abordadas, e como influenciam a construção do imaginário brasileiro sobre os imigrantes, levando em conta as especificidades temáticas identificadas na cobertura opinativa da *Folha de S. Paulo*.

## **IMAGINÁRIO E PROCESSOS MIGRATÓRIOS**

Os deslocamentos populacionais, tanto no passado quanto no presente, refletem um fenômeno complexo em que indivíduos ou grupos atravessam diferentes territórios por uma variedade de razões. Com o estabelecimento de fronteiras nacionais ao longo da história, o avanço das tecnologias de transporte, o crescimento populacional e diversas crises humanitárias, esse fluxo tem se intensificado. Segundo Morrison (2019, p. 122), "excetuando-se o auge do tráfico de escravizados no século XIX, o movimento de massas de pessoas na segunda metade do século XX e início do XXI é o maior que já se viu". A autora destaca ainda a migração contemporânea de trabalhadores, intelectuais, refugiados e imigrantes, que cruzam oceanos e continentes por vias oficiais ou em embarcações precárias, impulsionados por interesses econômicos, perseguições políticas, conflitos armados, violência e pobreza.

Esse fenômeno, porém, não se restringe apenas ao aspecto físico do deslocamento, mas também se insere no campo do imaginário social. Durand (2001) destaca que o imaginário exerce um papel essencial em todas as sociedades humanas, estruturando-se a partir do simbolismo, das dualidades e dos arquétipos que compõem as imagens mentais. Ele argumenta que o imaginário

funciona como uma ponte entre a realidade concreta e a subjetividade humana, sendo um fenômeno dinâmico, em constante transformação, moldado por fatores históricos, culturais e sociais. No contexto migratório, essa construção simbólica influencia a percepção do imigrante e do estrangeiro, frequentemente associados a representações de alteridade, medo e ameaça.

Bauman (2017, p. 15), por sua vez, reflete sobre esse temor em relação ao estrangeiro, definindo-o como "mixofobia", ou seja, "o medo provocado pelo volume irrefreável do desconhecido, inconveniente, desconcertante e incontrolável". Esse imaginário do outro como perigo alimenta discursos xenofóbicos e políticas de exclusão, reforçando a divisão entre os que pertencem e os que são vistos como ameaças externas. O título da obra de Bauman (2017), *Estranhos à nossa porta*, sintetiza essa divisão simbólica entre quem está dentro - protegido, seguro e amparado pela lei - e quem está fora - vulnerável, inseguro e à margem da legalidade.

Sayad (1998) aprofunda essa análise ao relacionar a migração com as dinâmicas econômicas globais. Ele argumenta que o imigrante só é reconhecido como sujeito quando desempenha uma função produtiva dentro da economia do país de destino. Segundo ele, "imigração e imigrantes só têm sentido e razão de ser se o quadro duplo erigido com o fim de contabilizar os custos e os lucros apresentar um saldo positivo - idealmente, a imigração deveria comportar apenas vantagens, e no limite, nenhum custo." (Sayad, 1998, p. 55). Assim, a exclusão do imigrante não se dá apenas por questões legais, mas também pelo imaginário econômico que define seu valor social unicamente por sua produtividade.

Portanto, o estudo dos fluxos migratórios deve considerar tanto os fatores concretos que impulsionam os deslocamentos quanto as representações simbólicas que moldam as percepções sobre o imigrante. Como destaca Durand (2001, p. 42), "assim o trajeto antropológico pode indistintamente partir da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis". Dessa forma, a migração é tanto uma realidade material quanto uma construção imaginária,

onde estereótipos, medos e discursos sociais desempenham um papel fundamental na forma como os imigrantes são vistos e tratados.

As narrativas midiáticas emergem nesse contexto como construções simbólicas que moldam percepções e discursos sociais. Afinal, “todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista. Vista de um ponto” (Silva, 2003, p. 8). Essas narrativas, ao estruturar discursos como os posicionamentos anti-imigração de Donald Trump, articulam-se diretamente com a questão da identidade. Para compreendê-las, é essencial considerar que tanto a identidade quanto a diferença são relações sociais, ou seja, sua definição está sujeita a forças e dinâmicas de poder. “Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (Silva, 2014, p. 81). Estão inclusas nessas relações as narrativas jornalísticas e, dentre elas, o gênero opinativo, abordado a seguir.

### **JORNALISMO OPINATIVO NO JORNAL *FOLHA DE S. PAULO***

O jornalismo opinativo se distingue por ir além da exposição objetiva dos fatos, incorporando interpretação e avaliação crítica dos acontecimentos. Esse gênero, segundo Melo (2012), abrange manifestações como denúncias, críticas e libelos, exercendo um papel essencial na construção da opinião pública e na formulação de narrativas midiáticas. No contexto migratório, essas narrativas influenciam diretamente a percepção sobre imigrantes, reforçando estereótipos ou desafiando discursos hegemônicos.

Melo (1994) sistematiza os principais espaços da opinião nos meios de comunicação, destacando formatos como o editorial, o comentário, a resenha ou crítica, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Dentre esses, a análise aqui apresentada se concentra em três formas específicas: a coluna, caracterizada como “um espaço fixo ocupado por um autor ou vinculado a um tema específico” (Ritter, 2021, p. 141); a crônica, que “apresenta uma narrativa contextualizada sobre eventos observados ao longo de um período determinado”

(Melo, 1994, p. 147); e a resenha ou crítica, cujo objetivo é a avaliação de obras culturais e sua orientação ao público consumidor (Melo, 1994). Além disso, Caversan (2009) diferencia dois tipos de autores no jornalismo opinativo: colonistas e articulistas. Enquanto os articulistas contribuem esporadicamente, os colonistas podem ser jornalistas de carreira ou colaboradores fixos, que abordam temas variados com recorrência, “selecionados pelos veículos por sua especialização em um determinado assunto ou por sua relevância no debate público” (Caversan, 2009, p. 78).

Com a importância de tais narrativas para o debate social sobre imigração, especialmente após a posse para o segundo mandato de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, foi selecionado os conteúdos impressos e digitais da *Folha de S.Paulo*, fundado em 1921. Tal escolha se justifica pelo seu papel proeminente na mídia brasileira, sendo o jornal com maior circulação no país. Conforme *ranking* publicado pelo portal Poder 360<sup>6</sup> em 2025, a *Folha* conta com cerca de 800 mil exemplares vendidos mensalmente, entre as versões impressa e digital.

No período selecionado, foram encontrados sete textos, escritos por diferentes autores. Os colonistas que abordaram o tema imigração são: Joel Pincheiro da Fonseca (economista e mestre em filosofia), Felipe Bailez e Luís Fakhouri (empresários), Horácio Lafer Piva, Pedro Passos e Pedro Wongtschowski (empresários), Deirdre Nansen McCloskey (doutora em economia e professora da Universidade de Illinois), Lorena Hakak (doutora em economia e professora da FGV), Mauricio Stycer (jornalista e crítico de TV) e Bianca Santana (doutora em Ciência da Informação e jornalista). No total, são seis textos escritos por autores brasileiros e um por autora americana. Em relação à formação acadêmica e profissão, três textos foram identificados escritos por economistas (duas doutoras e um mestre), dois por empresários e dois por jornalistas (uma doutora).

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-midia/estadao-e-folha-puxam-alta-na-circulacao-de-jornais-impressos/>. Acesso em: 20 mar. 2025.



## **ANÁLISE DE CONTEÚDO: DEFINIÇÃO DE CATEGORIAS DE ANÁLISE**

Para garantir uma análise mais focada com o intuito de responder ao problema de pesquisa proposto, foram selecionados apenas os textos em que a imigração é o tema central, seja no título ou no subtítulo, excluindo-se aqueles em que o tema aparece de maneira periférica. Esse recorte possibilita uma avaliação mais precisa do impacto inicial da política migratória de Trump nas discussões sobre imigração nos meios de comunicação brasileiros, evitando a dispersão que um período de análise mais longo poderia ocasionar. Além disso, o recorte temporal foi escolhido por sua relevância, já que o início do mandato de Trump marca um período crítico, no qual suas primeiras ações e declarações têm grande potencial para moldar a agenda midiática e influenciar a opinião pública ao redor do globo.

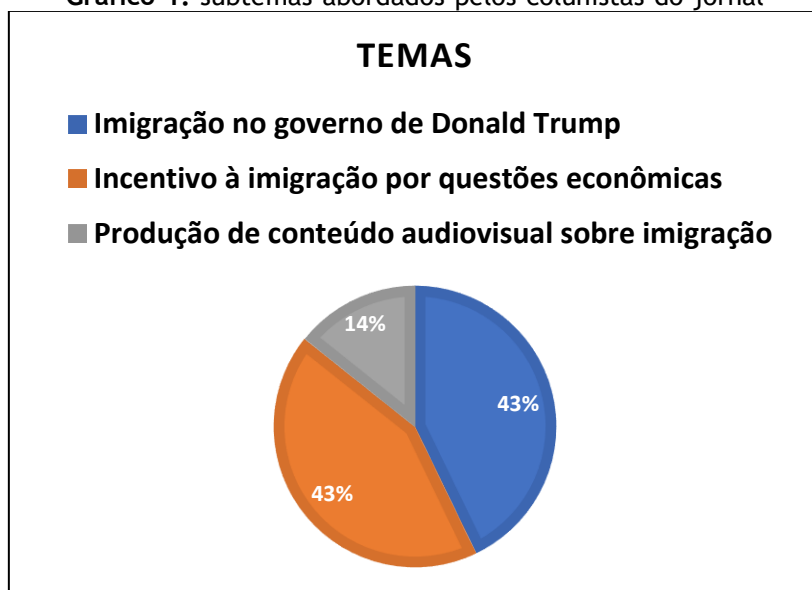
Assim, estabeleceu-se a análise de conteúdo como principal procedimento metodológico. Bardin (2011, p. 37) destaca que se trata de "um conjunto de 'técnicas de análises das comunicações'", sendo um método aberto, que evolui de acordo com os objetivos do pesquisador, sendo mais um leque de ferramentas do que um único instrumento, permitindo diversos procedimentos de análise. A autora descreve três etapas da análise e que foram aplicadas nesta pesquisa. A primeira fase, pré-análise, envolve a organização e sistematização das ideias iniciais, com o objetivo de estabelecer um plano de análise, formulando hipóteses e objetivos, e elaborando indicadores para a interpretação final. A segunda fase, de exploração do material, é caracterizada pela aplicação sistemática das decisões tomadas anteriormente. Por fim, na terceira é feito o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação (inferência), onde os dados brutos são analisados para atribuição de significado e validação.

Após a realização da pré-análise, foram identificadas três categorias com subtemas que são abordados nos textos, permitindo que a análise foque nestes três grupos. Os três temas são: 1) Imigração no governo de Donald Trump: textos em que o foco é a política de imigração do segundo mandato do presidente republicano; 2) Incentivo à imigração por questões econômicas: narrativas que não mencionam diretamente a política de Trump, mas que defendem o

recebimento de imigrantes para o desenvolvimento econômico local; e 3) Produção de conteúdo audiovisual sobre imigração: resenha crítica sobre série televisiva que tem como foco principal o tema da imigração.

Quantitativamente, tais temas, encontrados nos sete textos selecionados, estão representados da seguinte forma:

Gráfico 1: subtemas abordados pelos colunistas do jornal



Fonte: Ritter, 2025.

Tal classificação é importante para estruturar a análise, pois alguns dos textos apresentam relações entre si, mesmo sendo de diferentes autorias.

## O IMIGRANTE REPRESENTADO NAS COLUNAS DE OPINIÃO DA *FOLHA DE S. PAULO* APÓS A POSSE DE DONALD TRUMP

Nos dois meses seguintes à posse de Donald Trump para seu segundo mandato como presidente dos Estados Unidos, em 20 de janeiro de 2025, os colunistas da *Folha de S. Paulo* deram destaque ao tema da imigração em sete textos. Embora os deslocamentos migratórios sejam um fenômeno tanto histórico quanto contemporâneo, a campanha de Trump priorizou a deportação em massa, desconsiderando que “as migrações constituem um fenômeno natural, universal e trans histórico, na medida em que consistem em um dos quatro



mecanismos de evolução biológica - juntamente com as mutações, a deriva genética e a seleção natural”. (ElHajji, 2023, p. 14).

Pesquisando a aporofobia no caso das migrações venezuelanas e senegalesas ao Brasil, Hebenbrock (2021, p. 168) aponta que os processos migratórios envolvem a relação entre dois ou mais Estados soberanos e que estes não se abstêm de fazer o controle de entrada, permanência e residência de estrangeiros dentro de suas fronteiras. Além disso, o autor aponta que são os estados que definem “as condições pelas quais aqueles podem adquirir direitos inicialmente reservados aos cidadãos nacionais como, por exemplo, direitos políticos, direitos de cidadania etc.” (Hebenbrock, 2021, p. 168).

Neste sentido, as narrativas midiáticas ganham importância pois, além de participarem da construção do imaginário em torno dos imigrantes, ela pode colaborar no combate social à aporofobia e o preconceito contra os imigrantes.

Como ressalta Cortina (2017), que criou e problematizou o conceito de aporofobia como uma discriminação às pessoas que vivem em situação de pobreza, é preciso que mensagens claras contra tais violências devem ser repassadas continuamente para a sociedade, sendo que as narrativas jornalísticas e midiáticas, como um todo, ganham importância neste cenário.

Se é verdade que agimos de forma mais pro social quando nos sentimos observados por outras pessoas, seria conveniente começar a lançar mensagens claras de que nossas sociedades rejeitam as condutas aporofóbicas e apostam nas ações que empoderam os pobres, divulgar que apreciamos as ações que tendem a incluir em vez de excluir, que se ocupam de acolher e não rejeitar os que parecem não ter nada a devolver em troca (Cortina, 2017, p. 95-96).

Para analisar como os colunistas do jornal com o maior número de assinantes do Brasil abordam a temática, foram identificados sete textos nos dois meses seguintes à posse de Trump. No **Quadro 1** são listadas em ordem cronológica todas as narrativas do período, bem como o título de cada texto, o nome e a profissão/ocupação de cada um dos autores.

Quadro 1: Textos opinativos da *Folha de S.Paulo* sobre o tema imigração

Data	Título	Autor/Profissão/Tipo de texto
27/01/25	Por que tanta indignação com as deportações de Trump se Biden fazia igual?	Joel Pinheiro da Fonseca / Economista/Artigo de opinião
03/02/25	'Filhotes de Lula' e petistas: deportados dos EUA são estigmatizados no WhatsApp	Felipe Bailez e Luís Fakhouri / Empresários/Artigo de opinião
09/02/25	A imigração é boa para o Brasil	Horácio Piva, Pedro Passos e Pedro Wongtschowski/ Empresários/ Artigo de opinião
18/02/25	E se a imigração for a solução?	Lorena Hakak/Economista
04/03/25	Os imigrantes são bons para você	Deirdre Nansen McCloskey/ Economista/ Artigo de opinião
05/03/25	Série 'Mo' ri sabiamente das agruras de refugiado palestino nos EUA	Mauricio Stycer / Jornalista/Resenha
16/03/25	Marc, você não está sozinho	Bianca Santana/Jornalista/Crônica

Fonte: Ritter, 2025.

Conforme exposto anteriormente, identificaram-se três categorias de subtemas relacionados à imigração, e a análise foi conduzida com base em cada uma delas. A primeira categoria engloba textos que abordam diretamente a política migratória do governo Trump, alinhando-se à perspectiva de Bauman (2017), que denuncia posturas anti-imigratórias. No dia 20 de janeiro de 2025, durante a posse, Trump anunciou o cancelamento de todos os agendamentos e a suspensão dos atendimentos de imigrantes que buscavam asilo nos Estados Unidos. Essa foi a primeira de diversas medidas contra imigrantes. Ainda assim, uma semana após a posse, o primeiro texto de um colunista da *Folha de S.Paulo* a tratar do tema adota uma postura que minimiza o impacto da ação. Em *Por que tanta indignação com as deportações de Trump se Biden fazia igual?*, o economista Joel Pinheiro da Fonseca argumenta que, em termos quantitativos, as deportações nos governos Biden e Trump foram praticamente iguais nos sete primeiros dias, mas que o diferencial estaria no uso de aviões militares e na atenção dada ao tema. “E caem como uma luva para Trump, que quer ser visto como duro com a imigração [...] Foi para isso que foi eleito” (Fonseca, 2025).

Tal perspectiva contribui para a normalização da violência estatal contra imigrantes, independentemente de sua regularização. Além disso, é importante

lembrar que os movimentos migratórios historicamente geram tensões, pois envolvem disputas de poder ligadas à cultura e à economia. “Em qualquer caso, as culturas sempre se recusam a ser perfeitamente encurraladas dentro das fronteiras nacionais. Elas transgridem os limites políticos” (Hall, 2009, p. 35). Assim, a polêmica pode ser um dos objetivos discursivos de Trump, mas o silêncio ou a concordância das narrativas midiáticas com tais políticas ajudam a manter o *status quo*. A aversão ao estrangeiro, visto como desconhecido e vulnerável até se tornar uma unidade econômica reconhecida, como aponta Sayad (1998), reforça uma visão desumanizada do outro. Isso resulta no “crescente sucesso da xenofobia, do racismo e da variedade chauvinista de nacionalismo” (Bauman, 2017, p. 18), muitas vezes disfarçado em um discurso de securitização e proteção.

Outro texto que trata da política migratória do governo Trump foi publicado em 3 de fevereiro pelos empresários Felipe Bailez e Luís Fakhouri, fundadores da Palver. Em *'Filhotes de Lula' e petistas: deportados dos EUA são estigmatizados no WhatsApp*, os autores analisam dados extraídos de redes sociais e demonstram como grupos de extrema direita brasileiros apoiam as políticas migratórias de Trump.

Com base na análise de quase 100 mil grupos de *WhatsApp* e *Telegram*, o texto apresenta uma abordagem distinta da anterior, ao ressaltar que as medidas do novo presidente afetaram imigrantes que haviam recebido um visto especial no governo Biden. Os autores destacam que os discursos nesses grupos reforçam a estigmatização do estrangeiro, como apontado por Bauman (2017). Além disso, observam que as publicações alegam que os deportados brasileiros são “filhotes de Lula”, defendendo “que todos os que estavam sendo expulsos dos Estados Unidos são bandidos perigosos e criminosos, merecendo, portanto, o tratamento rigoroso” (Bailez; Fakhouri, 2025). A partir disso, os autores se posicionam:

Em termos de comunicação, é interessante observar a tentativa de desumanizar e estigmatizar os deportados no contexto dos grupos de direita no *WhatsApp*. Ao classificar os imigrantes ilegais como sendo criminosos, bandidos, “filhotes de lula”, petistas e esquerdistas, há

uma canalização do antipetismo para o tema da migração. [...] Esse processo de estigmatização dos deportados faz parte de um processo psicológico de dissonância cognitiva para que a direita brasileira, após apoiar a eleição de Trump, consiga aceitar o fato de que as medidas do novo governo podem ser negativas para os brasileiros (Bailez; Fakhouri, 2025).

Esse trecho é relevante por evidenciar as relações de poder tanto na deportação de imigrantes quanto na estigmatização da esquerda brasileira. Como as relações de poder são hierarquizadas, os discursos analisados pelos autores reforçam a associação do nativo ao polo positivo das demarcações simbólicas.

São outras tantas as marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”) (Silva, 2014, p. 81-82).

No mesmo sentido, a jornalista Bianca Santana escreve uma crônica sobre o caso já mencionado do filho do jornalista Jamil Chade, que ouviu de uma colega de 11 anos a frase: “Tomara que você seja deportado.” No texto *Marc, você não está sozinho*, a autora denuncia a violência contida na afirmação, legitimada pelo presidente recém-empossado. Por meio de uma carta ao menino brasileiro que vive nos Estados Unidos, ela reflete sobre a imigração e resgata a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada após a Segunda Guerra Mundial. Outro aspecto destacado por Santana é a questão da identidade. “E para garantir a mesma capacidade a todas as pessoas, elas precisam ser tratadas como diferentes” (Santana, 2025). Essa abordagem converge com a de Silva (2014), que enfatiza que identidade e diferença são construções sociais. Assim, sua definição está sujeita a vetores de força e relações de poder que não convivem harmoniosamente.

Na segunda categoria da análise, que abrange textos que incentivam os processos migratórios, foram identificadas três colunas. Todas parecem ter sido escritas com o objetivo de rebater o discurso anti-imigratório que ganhou força com a posse de Trump. Contudo, o primeiro texto, intitulado *A imigração é boa para o Brasil*, assinado pelos empresários Horácio Lafer Piva, Pedro Passos e Pedro Wongtschowski, exalta a imigração histórica branca, sobretudo europeia,

ignorando os milhões de africanos escravizados ao longo dos mais de 300 anos de escravidão institucionalizada no Brasil. Inclusive, é válido recordar que tais imigrantes europeus chegaram durante um “fluxo migratório em decorrência dos interesses de expansão e ocupação territorial no Brasil, somado a política de branqueamento do Império brasileiro” (Perisoto, 2024, p. 82), especialmente no século XIX. Esse silenciamento da imigração forçada dos escravizados reforça a valorização do imigrante branco e europeu, atribuindo-lhe um polo positivo como referência para um suposto elogio à atividade migratória. Como aponta Silva (2014, p. 83), “normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa”.

O texto destaca o papel cultural e econômico dos imigrantes, alinhando-se à perspectiva de Sayad (1998, p. 46), segundo a qual “a expansão econômica, grande consumidora de imigração, precisava de uma mão de obra imigrante permanente e sempre mais numerosa”. Os autores enfatizam que setores como construção civil, agricultura e serviços são os primeiros a absorver esses trabalhadores, que posteriormente se tornam empreendedores, ampliando sua presença econômica. Contudo, a abordagem recai novamente sobre imigrantes brancos. Ainda assim, a necessidade de inserção no mercado de trabalho como requisito para reconhecimento social é evidente. Sayad (1998, p. 55) problematiza essa lógica ao afirmar que “foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz morrer o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser”. Por fim, os empresários questionam as burocracias que dificultam a imigração, mas com um viés estritamente econômico, desconsiderando a dimensão humanitária e social da questão. A pergunta que encerra o artigo reforça a visão utilitarista: “Não merecem esses contingentes de imigrantes voltar a ser considerados pelo Brasil como parte da solução e não um problema?” (Piva; Passos; Wongtschowski, 2025).

O segundo texto desta categoria corrige algumas perspectivas do primeiro. Em *E se a imigração for a solução?*, a doutora em Economia e professora da Fundação Getúlio Vargas, Lorena Hakak, compartilha do mesmo objetivo do

texto anterior, mas traz um diferencial ao referir-se à população escravizada. Logo no início, destaca: “Além disso, é fundamental ressaltar que milhões de africanos foram trazidos à força durante séculos e, apesar das condições brutais, permaneceram e contribuíram para a formação do país” (Hakak, 2025).

Em seguida, Hakak investiga os motivos da postura anti-imigração, citando uma pesquisa que revela o medo dos nativos de perderem vagas no mercado de trabalho. Para analisar essa percepção, ela estabelece um diálogo entre as perspectivas de Bauman (2017) e Sayad (1998), já mencionadas anteriormente. Essas abordagens ajudam a compreender como o imaginário coletivo tende a representar o imigrante como um sujeito hierarquicamente inferiorizado, cuja chegada ao país estaria sempre atrelada à busca por um emprego em que ele vai responder a um chefe *nativo*. Nesse contexto, o conceito de imaginário proposto por Silva (2003, p. 11) é pertinente: “O imaginário é uma distorção involuntária do vivido que se cristaliza como marca individual ou grupal”. A autora reforça que a imigração não causa grandes impactos negativos no mercado de trabalho e que eventuais efeitos adversos são temporários, desmistificando o medo da perda de empregos. Além disso, sustenta que, apesar das preocupações com gastos públicos, os imigrantes geram produtividade e pagam impostos, alinhando-se à perspectiva econômica de Sayad (1998). Ao citar haitianos e venezuelanos, Hakak argumenta que a imigração pode impulsionar a economia, estimulando o empreendedorismo e compensando a queda da taxa de fecundidade. Entrementes, ao destacar esse papel econômico dos imigrantes, reforça-se a relação de dominação discutida por Sayad (1998, p. 60): “Tudo isso faz com que a imigração, enquanto inscrita na relação entre dominante e dominado, enquanto sobredeterminada, quando não totalmente constituída por essa relação de dominação, não possa ser livre de toda moral, não possa ser totalmente laicizada”.

O terceiro texto, único de autoria estrangeira, é de Deirdre Nansen McCloskey, economista e professora da Universidade de Illinois, em Chicago. Em *Os imigrantes são bons para você*, a autora defende a imigração com base em uma perspectiva econômica, frequentemente apropriada por discursos anti-



imigração, especialmente durante o governo Trump. McCloskey argumenta que, em vez de enviar ajuda externa a países pobres, que muitas vezes sustenta governos corruptos, seria mais eficaz permitir a imigração. “Não quero dizer transferir toda a população do Sudão do Sul no próximo ano, mas, digamos, permitir que 1% da população vá para o Brasil e para os Estados Unidos a cada ano, o que nos EUA foi a taxa muito elevada de 1900-1914” (McCloskey, 2005).

Apesar da defesa do processo migratório, a narrativa de McCloskey acaba por reforçar a ideia de que o imigrante ocupa uma posição cultural e economicamente inferior. A lógica de “quanto mais, melhor” - ou seja, a noção de que um número maior de imigrantes representaria maior crescimento econômico - não problematiza a inserção dessas pessoas na sociedade. Assim como nos textos anteriores, há uma tentativa de reagir às políticas anti-imigração da extrema-direita, particularmente às do governo Trump, sem considerar alternativas que superem a relação de dominação mencionada por Sayad (1998). A resistência do imigrante a essa hierarquia, por sua vez, pode resultar na hostilidade e no medo descritos por Bauman (2017, p. 66), que sugere um caminho possível: “O que nos falta é uma consciência cosmopolita que se harmonize com nossa condição também cosmopolita”.

Por fim, a última categoria aborda a produção audiovisual sobre imigração e inclui apenas um texto. Publicado em 5 de março de 2025, *Série 'Mo' ri sabiamente das agruras de refugiado palestino nos EUA*, de Mauricio Stycer, é uma resenha da série da Netflix *Mo*. O autor analisa a segunda temporada, retomando aspectos da primeira, e destaca como a produção mescla drama e humor para evidenciar os desafios do sistema de imigração dos Estados Unidos. Conforme o autor, além de apresentar uma narrativa envolvente, a série contribui para desconstruir o imaginário criado em torno dos refugiados, que frequentemente são retratados apenas como vítimas ou ameaças, sem um olhar mais amplo sobre suas trajetórias e desafios. Em um texto mais curto, o crítico elogia a série e sugere como uma boa fonte para entender melhor sobre o tema de imigração nos Estados Unidos.

Dessa forma, os textos analisados refletem diferentes abordagens sobre a imigração, seja pela via econômica, histórica ou cultural. No entanto, nota-se que, mesmo nas tentativas de defender a imigração, há reforços a certas hierarquias e estereótipos que ajudam a construir e a sustentar um imaginário que coloca o imigrante como sujeito deslocado dentro de uma sociedade. A problematização do imaginário e das relações de dominação, contudo, torna-se essencial para um debate mais aprofundado e menos reducionista sobre os processos migratórios e suas implicações sociais.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises da cobertura opinativa da *Folha de S. Paulo* sobre imigração feitas no presente artigo a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011) revelam a inclusão das narrativas midiáticas na construção do imaginário social sobre imigrantes. Ao examinar os textos publicados entre janeiro e março de 2025, percebe-se que a abordagem da imigração é atravessada por discursos que, mesmo quando intentam tratar favoravelmente os processos migratórios, ainda carregam traços de hierarquização e utilitarismo em diversas das discussões.

Conforme descrito na análise, a primeira categoria identificada nos textos aborda diretamente as políticas migratórias do governo Trump, muitas vezes minimizando seus impactos. A interpretação dos artigos mostra que há uma tendência à normalização da repressão estatal, contribuindo para a perpetuação de narrativas que reforçam a xenofobia e a estigmatização dos imigrantes. O caso das redes sociais brasileiras, que transformam deportados em alvos de ataques políticos, exemplifica como a imigração é instrumentalizada dentro do debate público nacional, um fenômeno já discutido por Bauman (2017) ao tratar da exclusão dos imigrantes indesejáveis, mesmo em uma sociedade globalizada. A segunda categoria inclui textos que defendem a imigração, mas sob uma ótica predominantemente econômica. Tais artigos exaltam os benefícios da imigração para o crescimento do país, sendo que o primeiro deles enfatizou a imigração

européia, ignorando os fluxos forçados da escravidão. Ainda que alguns autores reconheçam a contribuição de populações historicamente marginalizadas, a maioria das abordagens mantém uma visão instrumental do imigrante, reforçando a ideia de que sua aceitação está condicionada à sua produtividade econômica. Essa lógica utilitarista é analisada por Sayad (1998), que discute a mercantilização do imigrante na economia globalizada, e que foi fundamental para as análises desta pesquisa. Já a última categoria trata da representação audiovisual da imigração e destaca uma resenha sobre a série *Mo*, que contribui para desconstruir estereótipos ao apresentar uma narrativa mais complexa e humanizada dos refugiados. Essa perspectiva se contrapõe ao discurso dominante, que frequentemente reduz os imigrantes a vítimas ou ameaças, um aspecto que Silva (2003) e Silva (2014) também abordam ao discutir a complexidade das relações entre identidades e imaginários sociais.

Em suma, a análise demonstra que a cobertura da *Folha de S. Paulo* reflete e, em certa medida, reforça relações de poder e dominação sobre imigrantes, mesmo tendo como objetivo combater o discurso anti-imigração de Donald Trump. Inclusive, mesmo quando há tentativas de defesa dos processos migratórios, na maioria das narrativas persiste a valorização de certos grupos em detrimento de outros. Assim, um debate mais aprofundado sobre produções narrativas midiáticas e o imaginário migratório e suas implicações sociais é essencial para superar visões reducionistas e construir narrativas mais inclusivas. Por fim, ressalta-se que o presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo que estuda a temática, principalmente no que se refere à tríade: processos migratórios, narrativas e imaginário.

## REFERÊNCIAS

BAILEZ, Felipe; FAKHOURI, Luís. Filhotes de Lula e petistas: deportados dos EUA são estigmatizados no WhatsApp. *Folha de S. Paulo*, 3 fev. 2025. Disponível em: <https://t.co/hTO6981085> Acesso em: 19 mar. 2025.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CAVERSAN, Luiz. **Introdução ao jornalismo diário** - como fazer jornal todos os dias. São Paulo. Saraiva, 2009.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre**. Un desafio para la democracia. Quaderns de Filosofia Vol. IV, Núm. 2 Barcelona: Paidós. 103-108. 2017.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELHAJJI, Mohammed. **O intercultural migrante: teorias & análises**. Porto Alegre: Fi, 2023.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos** - teoria e práxis. Blumenau: EdFurb, 2012.

HAKAK, Lorena. E se a imigração for a solução? **Folha de S. Paulo**, 18 fev. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/lorena-hakak/2025/02/e-se-a-imigracao-for-a-solucao.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2025.

HEBENBROCK, José Mariano da Silva. Conservadorismo político: Migração venezuelana e senegalesa como vítimas de Aporofobia no Brasil. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 2, p. 163-182, 2021. Cáceres: Unemat, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5467/4177>. Acesso em: 22 mar. 2025.

MCCLOSKEY, Deirdre Nansen. Os imigrantes são bons para você. **Folha de S. Paulo**, 4 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/deirdre-nansen-mccloskey/2025/03/os-imigrantes-sao-bons-para-voce.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2025.

MORISSON, Toni. **A origem dos outros** - seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PERISOTO, Felipe. **O judoca, o kamikaze e o toureiro**: a imigração japonesa para o Rio Grande do Sul na trajetória de Teruo Obata. São Paulo: Dialética, 2024.

PINHEIRO DA FONSECA, Joel. Por que tanta indignação com as deportações de Trump se Biden fazia igual? **Folha de S. Paulo**, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/joel-pinheiro-da-fonseca/2025/01/por-que-tanta-indignacao-com-as-deportacoes-de-trump-se-biden-fazia-igual.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PIVA, Horácio Lafer; PASSOS, Pedro; WONGTSCHOWSKI, Pedro. A imigração é boa para o Brasil. **Folha de S. Paulo**, 9 fev. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2025/02/a-imigracao-e-boa-para-o-brasil.shtml>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RITTER, Eduardo. *Coluna*. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo** - redação e reportagem. Florianópolis: Insular, 2021.

SANTANA, Bianca. Marc, você não está sozinho. **Folha de S. Paulo**, 16 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bianca-santana/2025/03/marc-voce-nao-esta-sozinho.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2025.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SILVA, Tadeu Tomaz da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença** - a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

STYCER, Mauricio. Série 'Mo' ri sabiamente das agruras de refugiado palestino nos EUA. **Folha de S. Paulo**, 5 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/2025/03/serie-mo-ri-sabiamente-das-agru-ras-de-refugiado-palestino-nos-eua.shtml>. Acesso em: 21 mar. 2025.

Artigo recebido em: 25 de março de 2025.  
Artigo aprovado em: 28 de julho de 2025.